

ONDE NASCEU A CAPITAL CEARENSE

José Bonifácio de Sousa

A toponímia é elemento de primeira ordem para dirimir dúvidas e controvérsias em torno da origem dos núcleos urbanos e centros demográficos

No caso da capital cearense, o roteiro a seguir na pesquisa do lugar e data de seu nascimento, há de consistir em identificá-la pelo nome de batismo, isto é, por sua mais remota designação geográfica.

É fora de dúvida que o topônimo da nossa metrópole é oriundo da modesta fortificação junto à qual nasceu.

Escreve Capistrano de Abreu (citado pelo Dr. Raimundo Girão) "que Ceará era o nome dum rio que, fundando-se uma fortaleza junto às suas margens, se foi chamando *fortaleza do Ceará*". Com relação ao fundador, refere Capistrano que "em 1611 Martin Soares Moreno pisou no Ceará pela quinta vez (...) *fundou o forte de que a futura capital tirou e guarda o nome*" (os grifos são nossos).

Um documento oficial, entre vários outros, confirma o assêto. A carta-patente de 26 de maio de 1619 fez mercê da *capitania de fortaleza de Seará* (sic) a Soares Moreno, tendo sido esse nome tirado do reduto fortificado do qual fôra êle "o primeiro fundador" (Barão de Studart, "Documentos para a Biografia do Fundador do Ceará", pág. 4). ... *Fortaleza do Ceará* foi, por muito tempo, um modesto estabelecimento composto da fortaleza, propriamente dita, da ermida de Nossa Senhora do Amparo e do arraial habitado por soldados da guarnição e índios cristianizados. Apesar dessa condição humilíssima, já nasceu capital, não só por ter sido etimologicamente a cabeça de ponte (*caput*) da capitania, como também porque já servia de residência ao capitão que governava não apenas essa feitoria como toda a região compreendida entre o Rio Grande e o Maranhão.

Com o correr dos tempos, o uso popular simplificou a primitiva denominação. De *Fortaleza do Ceará* passou a ser tão-só *Fortaleza*

ou Forte, ou simplesmente Ceará. “Ainda hoje — escreve Paulino Nogueira — nossos centros, o povo chama a capital *Ceará* ou *Forte*, recordação do que fundou Soares Moreno”.

O predicamento da vila (1700) trouxe-lhe um nome nôvo, o qual entretanto, não logrou consagração definitiva: vila de São José de Ribamar.

O govêrno dessa vila, isto é, a sua câmara, realizou incríveis andanças. Instalado no Iguape, andou pela barra do Ceará e depois “junto da fortaleza, debaixo das armas dela” (onde vinha permanecendo o capitão-mor) até que acabou por se fixar no Aquiraz. “Depois de sua fundação — informa Perdigão de Oliveira — foi transferida por mais de uma vez para a barra do Ceará, donde voltou em 1708 pela última vez, permanecendo, então, na Fortaleza até 27 de junho de 1713, quando se passou para o Aquiraz”.

Em 1726 (13 de abril) constituiu-se outra vila, com o nome tradicional acrescido de nôvo complemento tirado não mais do primitivo forte, mas de outro que fôra edificado no local dantes ocupado pelos holandeses. Surgiu, assim, a *Vila da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção*, com as prerrogativas de capital.

Quando, em 1823, a metrópole cearense adquiriu foros de cidade, passou a denominar-se oficialmente *Cidade da Fortaleza de Nova Bragança*, mas êste apêndice, por ser artificial, não teve aceitação e logo caiu no esquecimento, permanecendo até hoje o topônimo FORTALEZA *tout court*.

Em resumo: aqui ou ali, Fortaleza disso ou daquilo, mas sempre FORTALEZA.

Sômente uma vez, em 1892, houve a lembrança pouco feliz de mudar êste apelativo. Alguém sugeriu o doce e expressivo nome de *Iracema*. Mas o Barão de Studart, manifestando-se acidentalmente, opinou que, se houvesse mesmo o propósito irremovível de retirar de nossa metrópole o seu “nome altamente histórico”, que lhe crismassem com o de Morenópolis, em homenagem a Martim Soares Moreno.

Aí está, em resumo, o que nos revela a toponímia: Fortaleza foi o nome do estabelecimento que Martim Soares Moreno plantou na barra do Ceará, nome que conservou quando, por imperativos de seu crescimento, se transferiu para as margens do Pajeú, dentro da mesma área restrita de expansão. Não havia necessidade de mudar-lhe o vocativo. Ao contrário: razões de ordem geográfica, histórica e política postulavam a sua conservação.

— * —

Se recorrermos ao testemunho dos historiadores, outra não será a conclusão. Começemos por Capistrano de Abreu.

Embora não haja dedicado capítulo algum de sua vasta e espar-

sa obra à fundação de Fortaleza, é certo que êle se referiu ao assunto acidentalmente, nas ocasiões em que versou temas relativos à história do Ceará.

Compulsando alguns de seus trabalhos, e também a sua correspondência, recolhemos os trechos abaixo, que lhe revelam o pensamento sôbre o debatido caso.

Tratando da colonização desta região escreveu o erudito mestre: "Em 1611 Martim Soares Moreno pisou no Ceará pela quinta vez, desta como capitão. Fundou o forte que a futura capital tirou e guarda o nome, tomou três naus de corsários que queriam negociar em Iguape e Mucuripe, gaba-se de ter degolado mais de duzentos franceses e flamengos" (*Caminho Antigo e Povoamento do Brasil*, pág. 230).

Noutro estudo, reforça seu ponto de vista: "Depois da assinatura da capitulação de Taborda, Alvaro de Azevedo Botelho foi mandado de Pernambuco, por mar com tropas, à fortaleza fundada por Martim Soares, onde havia holandeses, e dela tomou posse a 20 de maio de 1654" (*Ensaio e Estudos*, pág. 50).

É bem de ver que, nesse trecho, o historiador não se refere ao forte de Schoonenborch (do qual já tinha conhecimento), mas à velha fortaleza da barra do Ceará, localizada à pequena distância do primeiro mas na mesma área de ocupação. Para o erudito pesquisador, não havia como distinguir o local da primitiva feitoria portuguesa do sítio ocupado pelos batavos.

Todavia, o pronunciamento mais significativo de Capistrano está contido numa carta dirigida a João Brígido, sôbre a "Fortaleza de 1810" e da qual destacamos o seguinte período: "Há um ponto em que não creio que a razão esteja do seu lado: é quando afirma que a atual Fortaleza está no mesmo local em que a plantou Martim Soares Moreno e que conquistaram os holandeses. Para mim é fora de dúvida que a Fortaleza antiga era no rio Ceará" (*Correspondência*, vol. I, pág. 53).

Referindo-se a um estudo sôbre a capital cearense e grafando Fortaleza com maiúsculo, é evidente que Capistrano se referia à nossa *urbs*. Segundo sua valiosa opinião, contida nos trechos citados, ela nasceu na barra do Ceará e tirou o nome do forte ali fundado por Soares Moreno.

Recorramos, agora, a historiadores dos nossos dias, de renome nacional.

Para Pedro Calmon, a atuação daquele capitão português teve relêvo excepcional não só na colonização do Ceará como na conquista de tôda a costa leste-oeste.

Segundo o ilustre Reitor da Universidade do Brasil, coube a Martim Soares Moreno a iniciativa dos combates que puseram fora do país os franceses intrusos. "E tanto soube do desembarque de La Ravardière, correu a revoltar os Tremembés, tapuias do Parnaíba,

ou cariris que periódicamente faziam a guerra do caju. Não fôra esta manobra e a reconquista seria consideravelmente mais difícil. Alexandre de Moura reconheceu: "foi quem primeiro descobriu o Maranhão pela banda do leste".

"Patriarca da civilização no Ceará", diz ainda Calmon, Moreno fêz o reduto e, junto, a ermida de Nossa Senhora do Amparo. Surgiu, assim, *Fortaleza* princípio dêsse Ceará que, muito tempo, se limitou ao quartel de beira-mar, o *Forte...*" (*História do Brasil*, vol. II, págs. 487 e 488).

Por sua vez, na moderníssima *História Geral da Civilização Brasileira*, escreve o professor Sérgio Buarque de Holanda: "Informado do sucedido, o governador-geral, a pedido de Martim Soares e de um filho do principal do Jaguaribe, que foi mandado à Bahia por Jacaúna, providenciou imediata ida ao lugar de um capelão e dez soldados para residirem entre os índios. Fêz-se, assim, o *reduto*, *origem da atual Fortaleza*, assim como uma igreja onde o clérigo doutrinasse os moradores, e ficaria esta sob a invocação de Nossa Senhora do Amparo" (*op. cit.*, vol. I, pág. 202).

Quem fêz êsse reduto? Martim Soares Moreno. Onde? na barra do Ceará.

(*Unitário*, 23 de abril de 1961)